

GT78: Visualidades Indígenas

Ana Lúcia Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha

Esta proposta retoma a experiência dos GTs Visualidades Indígenas realizados nas RBA's de 2016 e 2018, visando reunir pesquisas recentes que analisem as produções audiovisuais feitas por povos indígenas ou sobre eles. O escopo das investigações a serem apresentadas deve agregar reflexões sobre as concepções de imagem do ponto de vista das cosmologias de distintos povos indígenas, mas também reflexões sobre a apropriação das técnicas de produção de imagens, análises de processos de socialização da linguagem do cinema e do vídeo por meio de oficinas e seus paradoxos e experiências correlatas. O objetivo das sessões será analisar as novas visualidades que se colocam para dentro e para fora dos grupos indígenas, o protagonismo dos jovens indígenas na produção de discursos audiovisuais a partir de dentro das lógicas culturais; relações entre imagem e xamanismo; circulação de pontos de vista indígena e sua recepção acadêmica, apropriação do audiovisual em processos de transmissão de conhecimento, seus limites e possibilidades. Os temas gerais que serão acolhidos no GT tratam de comunicação intercultural, relações entre imagem e política, questões de autoria, tecnologias nativas do tornar visível, jovens indígenas e apropriação das técnicas do vídeo, transmissão oral e o audiovisual.

Imagens da terra - práticas de conhecimento na licenciatura indígena

Autoria: Amilton Pelegrino de Mattos

Esta apresentação busca refletir e problematizar os regimes de visualidade envolvidos nos processos de escrita das pesquisas de acadêmicos de uma licenciatura indígena. Trata-se da licenciatura indígena da Ufac-Floresta, sediada em Cruzeiro do Sul, Acre, em que venho atuando como docente, com orientação de pesquisas, e pesquisador desde 2008, quando o curso iniciou suas atividades. Pretendo tratar de experiências fílmicas convencionais realizadas em colaboração com os pesquisadores do curso, tais como os filmes *O espírito da floresta* (2012) e *O sonho do nixi pae* (2015), bem como o projeto *A fala da terra* (2017), mas também pensar o audiovisual em outros termos, a partir da relação de coplanaridade com outros regimes de imagem e conhecimento. Desse modo, momento exemplar de coplanaridade entre regimes de conhecimento-imagem a ser considerado nesse processo é a colaboração com o pesquisador Ibã Huni Kuin que se iniciou em 2009 com a realização de vídeo-cantos como forma de escrita para sua pesquisa dos cantos de ayahuasca de seu povo. Nessa experimentação dois regimes de imagens e conhecimento são colocados em relação. Ibã define tais cantos de seu povo como a "língua da jiboia", termo fundamental para que, alguns anos depois, os acadêmicos dessa licenciatura elaborem a noção de "fala da terra", segundo exemplo de coplanaridade que aqui servirá de referência. "Fala da terra" consiste no esforço dos acadêmicos e de suas comunidades em elaborar uma concepção de linguagem baseada em suas práticas de conhecimento visando problematizar, a partir de tal concepção, além do projeto de curso dessa licenciatura indígena e suas práticas de pesquisa acadêmica, a própria concepção moderna de linguagem vigente na instituição. A noção de "fala da terra" tem conduzido nossas experimentações em torno das possibilidades de escrita de tais pesquisas. A partir de então, outras práticas adotadas podem ser consideradas como tecnologias de produção de imagens e corpos sensíveis. Essas tecnologias resultam da combinação de práticas acadêmicas e saberes indígenas, articulando, por meio da pesquisa, entrevistas/encontros, oficinas, filmes, com relações de parentesco, rituais, a ayahuasca e a terra (floresta). Nessa problematização dos regimes de conhecimento e linguagem que se confrontam em uma licenciatura indígena, tem nos interessado, portanto, debater a questão dos diferentes "regimes de terra" e sua articulação com os regime de linguagem, "regimes de terra-linguagem". Com "regimes de terra" me refiro principalmente ao contraste entre os modos como os distintos regimes de

conhecimento e de linguagens em jogo nas pesquisas desses acadêmicos, no caso o contraste entre modernos e indígenas, concebem a terra.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

